

CURSILHO DE CRISTANDADE

ENCONTROS COM NOSSA SENHORA



Diocese de Piracicaba

MAIO/2019

INTRODUÇÃO AO ESTUDO DE MARIA



Porque estudar sobre Nossa Senhora? (Mariologia)

1. **Intelectual:** *compreender* corretamente o lugar e a missão de Maria na História da Salvação;
2. **Espiritual:** crescer em amor e em piedade para com a mãe do Senhor;
3. **Moral:** ser levado a *imitá-la* como exemplo de vida, especialmente de fé e de amor;
4. **Cultural:** poder *celebrá-la* de modo adequado na liturgia e nas práticas da devoção popular;
5. **Pastoral:** ser capaz de *comunicar* o sentido de Maria ao povo de Deus e à sociedade de hoje.

MARIA NAS ESCRITURAS

Síntese da mariologia de cada evangelista

Evangelho de Marcos (*por volta do ano 60*)

Maria = mãe clânica ou carnal do Messias

No primeiro evangelho escrito Maria aparece como imersa no meio do seu clã.¹ Tem apenas um nome, não um perfil definido. É ainda uma figura “sem relevo”, insignificante. Não tem uma personalidade, mas é mera função. Quando parece emergir, é restituída à irrelevância: “Quem é minha mãe?” (Mc 3,33). “Não é ele o filho de Maria?” (Mc 6,3).



Marcos tem apenas uma “mariologia a estaca zero”, uma mariologia e a-mariologia. Para ele, “Maria é como uma mulher qualquer.” É na verdade, a mariologia dos “crentes” e dos agnósticos. Paulo (Gl 4,4) tem uma visão amariologica parecida.

Evangelho de Mateus

Maria= Mãe virginal do Messias, segundo as profecias.

No Evangelho de Mateus, Maria aparece como uma “personagem” importante da História da Salvação (cf. genealogia). Maria é mais que mera mãe clânica (Mc): tem uma relação privilegiada e mesmo exclusiva com Cristo. É toda cristocêntrica: é inteiramente de e para Cristo.

Pela virgindade, é testemunho e sacramento do Messias, de sua origem e de sua natureza divina. Não possui, contudo, ainda um rosto

¹ Pode-se entender por Clã, grupos de famílias de descendência comum. (cf. Dicionário Michaelis de língua portuguesa).

próprio, uma personalidade autônoma. É mais “mãe funcional” do Messias, do que mãe pessoal”.

Evangelho de Lucas (*por volta do ano 80*)

Maria= mulher livre, a crente por excelência e a mãe do Messias.

Em Lucas, Maria já é uma “personalidade”: mulher responsável, autônoma, determinada. Tem um rosto, um perfil, um caráter. Tem, em suma, uma identidade própria.

De entrada, coloca-se, por assim dizer, frente a frente com Cristo. Relação polarizada, tensa, mas finalmente (e totalmente) acolhedora.

Se Maria é um “ser para o outro” – Cristo -, só o é a partir de seu “ser para si”, em força de sua liberdade. Se é toda de Cristo, não o é por natureza ou destino, mas por decisão pessoal. É, portanto, uma figura destacada, bem personalizada, bem individualizada. É uma pessoa que caminha, cresce e se determina.

Evangelho de João (*Por volta do ano 90*)

Maria=mediadora da fé (Caná), mãe da comunidade (sob a Cruz) e a figura da Igreja e da nova criação (Ap 12).

Na literatura joanina, Maria é mais que uma mera personagem (missão) e até mais que uma personalidade (pessoa): é “personalidade corporativa”. Seu significado supera sua pessoa individual. Ela possui uma imensa radiância ou ressonância simbólica: Ela representa a comunidade eclesial, a humanidade salva, o Cosmo redimido.

João tem uma alta mariologia, uma “mariologia” simbólica. A Maria de João transcende infinitamente Maria de Nazaré. Como se vê, há um crescimento do mistério da Virgem. E o processo continuou depois e continua ainda hoje.

MARIA NA TRADIÇÃO DA IGREJA



Ícone de Maria e seu filho Jesus do século II

MARIA NO CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II

LUMEN GENTIUM – CAPÍTULO VIII

A BEM-AVENTURADA VIRGEM MARIA MÃE DE DEUS NO MISTÉRIO DE CRISTO E DA IGREJA

I. PROÉMIO

A Virgem mãe de Cristo

52. Querendo Deus, na Sua infinita benignidade e sabedoria, levar a cabo a redenção do mundo, «ao chegar a plenitude dos tempos, enviou Seu Filho, nascido de mulher,... a fim de recebermos a filiação adoptiva» (Gál. 4, 4-5). «Por amor de nós, homens, e para nossa salvação, desceu dos céus e encarnou na Virgem Maria, por obra e graça do Espírito Santo» (171). Este divino mistério da salvação é-nos relevado e continua na Igreja, instituída pelo Senhor como Seu corpo; nela, os fiéis, aderindo à cabeça que é Cristo, e em comunhão com todos os santos, devem também venerar a memória «em primeiro lugar da gloriosa sempre Virgem Maria Mãe do nosso Deus e Senhor Jesus Cristo» (172).

A Virgem e a Igreja

53. Efectivamente, a Virgem Maria, que na anunciação do Anjo recebeu o Verbo no coração e no seio, e deu ao mundo a Vida, é reconhecida e honrada como verdadeira Mãe de Deus Redentor. Remida dum modo mais sublime, em atenção aos méritos de seu Filho, e unida a Ele por um vínculo estreito e indissolúvel, foi enriquecida com a excelsa missão e dignidade de Mãe de Deus Filho; é, por isso, filha predilecta do Pai e templo do Espírito Santo, e, por este insigne dom da graça, leva vantagem á todas as demais criaturas do céu e da terra. Está, porém, associada, na descendência de Adão, a todos os homens necessitados de salvação; melhor, «é verdadeiramente Mãe dos membros (de Cristo)..., porque cooperou com o seu amor para que na Igreja nascessem os fiéis, membros daquela cabeça» (173). É, por esta razão, saudada como membro eminente e inteiramente singular da Igreja, seu tipo e exemplar perfeitíssimo na fé e na caridade; e a Igreja católica, ensinada pelo Espírito Santo, consagra-lhe, como a mãe amantíssima, filial afecto de piedade.

Intenção do Concílio

54. Por isso, o sagrado Concílio, ao expor a doutrina acerca da Igreja, na qual o divino Redentor realiza a salvação, pretende esclarecer cuidadosamente não só o papel da Virgem Santíssima no mistério do Verbo encarnado e do Corpo místico,

mas também os deveres dos homens resgatados para com a Mãe de Deus, Mãe de Cristo e Mãe dos homens, sobretudo dos fiéis. Não tem, contudo, intenção de propor toda a doutrina acerca de Maria, nem de dirimir as questões ainda não totalmente esclarecidas pelos teólogos. Conservam, por isso, os seus direitos as opiniões que nas escolas católicas livremente se propõem acerca daquela que na santa Igreja ocupa depois de Cristo o lugar mais elevado e também o mais próximo de nós (174).

II. A VIRGEM SANTÍSSIMA NA ECONOMIA DA SALVAÇÃO

A mãe do Redentor no Antigo Testamento

55. A Sagrada Escritura do Antigo e Novo Testamento e a venerável Tradição mostram de modo progressivamente mais claro e como que nos põem diante dos olhos o papel da Mãe do Salvador na economia da salvação. Os livros do Antigo Testamento descrevem a história da salvação na qual se vai preparando lentamente a vinda de Cristo ao mundo. Esses antigos documentos, tais como são lidos na Igreja e interpretados à luz da plena revelação ulterior, vão pondo cada vez mais em evidência a figura duma mulher, a Mãe do Redentor. A esta luz, Maria encontra-se já profeticamente delineada na promessa da vitória sobre a serpente (cfr. Gén. 3,15), feita aos primeiros pais caídos no pecado. Ela é, igualmente, a Virgem que conceberá e dará à luz um Filho, cujo nome será Emmanuel (cfr. Is. 7,14; cfr. Miq. 5, 2-3; Mt. 1, 22-23). É a primeira entre os humildes e pobres do Senhor, que confiadamente esperam e recebem a salvação de Deus. Com ela, enfim, excelsa Filha de Sião, passada a longa espera da promessa, se cumprem os tempos e se inaugura a nova economia da salvação, quando o Filho de Deus dela recebeu a natureza humana, para libertar o homem do pecado com os mistérios da Sua vida terrena.

Maria na Anunciação

56. Mas o Pai das misericórdias quis que a aceitação, por parte da que Ele destinara para mãe, precedesse a encarnação, para que, assim como uma mulher contribuiu para a morte, também outra mulher contribuisse para a vida. É o que se verifica de modo sublime na Mãe de Jesus, dando à luz do mundo a própria Vida, que tudo renova. Deus adornou-a com dons dignos de uma tão grande missão; e, por isso, não é de admirar que os santos Padres chamem com frequência à Mãe de Deus «toda santa» e «imune de toda a mancha de pecado», visto que o próprio Espírito Santo a modelou e d'Ela fez uma nova criatura (175). Enriquecida, desde o primeiro instante da sua conceição, com os esplendores duma santidade singular, a Virgem de Nazaré é saudada pelo Anjo, da parte de Deus, como «cheia de graça» (cfr. Luc. 1,28); e responde ao mensageiro celeste: «eis a escrava do Senhor, faça-se em mim segundo a tua palavra» (Luc. 1,38). Deste modo, Maria, filha de Adão,

dando o seu consentimento à palavra divina, tornou-se Mãe de Jesus e, não retida por qualquer pecado, abraçou de todo o coração o desígnio salvador de Deus, consagrou-se totalmente, como escrava do Senhor, à pessoa e à obra de seu Filho, subordinada a Ele e juntamente com Ele, servindo pela graça de Deus onnipotente o mistério da Redenção. por isso, consideram com razão os santos Padres que Maria não foi utilizada por Deus como instrumento meramente passivo, mas que cooperou livremente, pela sua fé e obediência, na salvação dos homens. Como diz S. Ireneu, «obedecendo, ela tornou-se causa de salvação, para si e para todo o género humano» (176). Eis porque não poucos, Padres afirmam com ele, nas suas pregações, que «o no da desobediência de Eva foi desatado pela obediência de Maria; e aquilo que a virgem Eva atou, com a sua incredulidade, desatou-o a virgem Maria com a sua fé» (177); e, por comparação com Eva, chamam Maria a «mãe dos vivos»(178) e afirmam muitas vezes: «a morte veio por Eva, a vida veio por Maria» (179).

Maria na infância de Jesus

57. Esta associação da mãe com o Filho na obra da salvação, manifesta-se desde a concepção virginal de Cristo até à Sua morte. Primeiro, quando Maria, tendo partido sollicitamente para visitar Isabel, foi por ela chamada bem-aventurada, por causa da fé com que acreditara na salvação prometida, e o precursor exultou no seio de sua mãe (cfr. Luc. 1, 41-45); depois, no nascimento, quando a Mãe de Deus, cheia de alegria, apresentou aos pastores e aos magos o seu Filho primogénito, o qual não só não lesou a sua integridade, mas antes a consagrou (180). E quando O apresentou no templo ao Senhor, com a oferta dos pobres, ouviu Simeão profetizar que o Filho viria a ser sinal de contradição e que uma espada trespassaria o coração da mãe, a fim de se revelarem os pensamentos de muitos (cfr. Luc. 2, 34-35). Ao Menino Jesus, perdido e buscado com aflição, encontraram-n'O os pais no templo, ocupado nas coisas de Seu Pai; e não compreenderam o que lhes disse. Mas sua mãe conservava todas estas coisas no coração e nelas meditava (cfr. Luc. 2, 41-51).

Maria na vida pública e na paixão de Cristo

58. Na vida pública de Jesus, Sua mãe aparece duma maneira bem marcada logo no princípio, quando, nas bodas de Caná, movida de compaixão, levou Jesus Messias a dar início aos Seus milagres. Durante a pregação de Seu Filho, acolheu as palavras com que Ele, pondo o reino acima de todas as relações de parentesco, proclamou bem-aventurados todos os que ouvem a palavra de Deus e a põem em prática (cfr. Mc. 3,35 e paral.; Luc. 11, 27-28); coisa que ela fazia fielmente (cfr. Luc. 2, 19 e 51). Assim avançou a Virgem pelo caminho da fé, mantendo fielmente a. união com seu Filho até à cruz. Junto desta esteve, não sem desígnio de Deus

(cfr. Jo.19,25), padecendo acerbamente com o seu Filho único, e associando-se com coração de mãe ao Seu sacrifício, consentindo com amor na imolação da vítima que d'Ela nascera; finalmente, Jesus Cristo, agonizante na cruz, deu-a por mãe ao discípulo, com estas palavras: mulher, eis aí o teu filho (cfr. Jo. 19, 26-27) (181).

Maria depois da Ascensão

59. Tendo sido do agrado de Deus não manifestar solenemente o mistério da salvação humana antes que viesse o Espírito prometido por Cristo, vemos que, antes do dia de Pentecostes, os Apóstolos «perseveravam unânimemente em oração, com as mulheres, Maria Mãe de Jesus e Seus irmãos» (Act. 1,14), implorando Maria, com as suas orações, o dom daquele Espírito, que já sobre si descera na anunciação. Finalmente, a Virgem Imaculada, preservada imune de toda a mancha da culpa original (198), terminado o curso da vida terrena, foi elevada ao céu em corpo e alma (183) e exaltada por Deus como rainha, para assim se conformar mais plenamente com seu Filho, Senhor dos senhores (cfr. Apoc. 19,16) e vencedor do pecado e da morte (184).

III. A VIRGEM SANTÍSSIMA E A IGREJA

O influxo salutar de Maria e a mediação de Cristo

60. O nosso mediador é só um, segundo a palavra do Apóstolo: «não há senão um Deus e um mediador entre Deus e os homens, o homem Jesus Cristo, que Se entregou a Si mesmo para redenção de todos (1 Tim. 2, 5-6). Mas a função maternal de Maria em relação aos homens de modo algum ofusca ou diminui esta única mediação de Cristo; manifesta antes a sua eficácia. Com efeito, todo o influxo salvador da Virgem Santíssima sobre os homens se deve ao beneplácito divino e não a qualquer necessidade; deriva da abundância dos méritos de Cristo, funda-se na Sua mediação e dela depende inteiramente, haurindo aí toda a sua eficácia; de modo nenhum impede a união imediata dos fiéis com Cristo, antes a favorece.

A maternidade espiritual

61. A Virgem Santíssima, predestinada para Mãe de Deus desde toda a eternidade simultaneamente com a encarnação do Verbo, por disposição da divina Providência foi na terra a nobre Mãe do divino Redentor, a Sua mais generosa cooperadora e a escrava humilde do Senhor. Concebendo, gerando e alimentando a Cristo, apresentando-O ao Pai no templo, padecendo com Ele quando agonizava

na cruz, cooperou de modo singular, com a sua fé, esperança e ardente caridade, na obra do Salvador, para restaurar nas almas a vida sobrenatural. É por esta razão nossa mãe na ordem da graça.

A natureza da sua mediação

62. Esta maternidade de Maria na economia da graça perdura sem interrupção, desde o consentimento, que fielmente deu na anunciação e que manteve inabalável junto à cruz, até à consumação eterna de todos os eleitos. De facto, depois de elevada ao céu, não abandonou esta missão salvadora, mas, com a sua multiforme intercessão, continua a alcançar-nos os dons da salvação eterna (185). Cuida, com amor materno, dos irmãos de seu Filho que, entre perigos e angústias, caminham ainda na terra, até chegarem à pátria bem-aventurada. Por isso, a Virgem é invocada na Igreja com os títulos de advogada, auxiliadora, socorro, medianeira (186). Mas isto entende-se de maneira que nada tire nem acrescente à dignidade e eficácia do único mediador, que é Cristo (187).

Efectivamente, nenhuma criatura se pode equiparar ao Verbo encarnado e Redentor; mas, assim como o sacerdócio de Cristo é participado de diversos modos pelos ministros e pelo povo fiel, e assim como a bondade de Deus, sendo uma só, se difunde variamente pelos seres criados, assim também a mediação única do Redentor não exclui, antes suscita nas criaturas cooperações diversas, que participam dessa única fonte.

Esta função subordinada de Maria, não hesita a Igreja em proclamá-la; sente-a constantemente e inculca-a aos fiéis, para mais intimamente aderirem, com esta ajuda materna, ao seu mediador e salvador.

Maria tipo da Igreja como Virgem e Mãe

63. Pelo dom e missão da maternidade divina, que a une a seu Filho Redentor, e pelas suas singulares graças e funções, está também a Virgem intimamente ligada, à Igreja: a Mãe de Deus é o tipo e a figura da Igreja, na ordem da fé, da caridade e da perfeita união com Cristo, como já ensinava S. Ambrósio (188). Com efeito, no mistério da Igreja, a qual é também com razão chamada mãe e virgem, a bem-aventurada Virgem Maria foi adiante, como modelo eminente e único de virgem e de mãe (189). Porque, acreditando e obedecendo, gerou na terra, sem ter conhecido varão, por obra e graça do Espírito Santo, o Filho do eterno Pai; nova Eva, que acreditou sem a mais leve sombra de dúvida, não na serpente antiga, mas no mensageiro celeste. E deu à luz um Filho, que Deus estabeleceu primogénito de muitos irmãos (Rom. 8,29), isto é, dos fiéis, para cuja geração e educação Ela coopera com amor de mãe.

A fecundidade virginal da Igreja

64. Por sua vez, a Igreja que contempla a sua santidade misteriosa e imita a sua caridade, cumprindo fielmente a vontade do Pai, toma-se também, ela própria, mãe, pela fiel recepção da palavra de Deus: efectivamente, pela pregação e pelo Baptismo, gera, para vida nova e imortal, os filhos concebidos por acção do Espírito Santo e nascidos de Deus. E também ela é virgem, pois guarda fidelidade total e pura ao seu Esposo e conserva virginalmente, à imitação da Mãe do seu Senhor e por virtude do Espírito Santo, uma fé íntegra, uma sólida esperança e uma verdadeira caridade (190).

Virtudes de Maria

65. Mas, ao passo que, na Santíssima Virgem, a Igreja alcançou já aquela perfeição sem mancha nem ruga que lhe é própria (cfr. Ef. 5,27), os fiéis ainda têm de trabalhar por vencer o pecado e crescer na santidade; e por isso levantam os olhos para Maria, que brilha como modelo de virtudes sobre toda a família dos eleitos. A Igreja, meditando piedosamente na Virgem, e contemplando-a à luz do Verbo feito homem, penetra mais profundamente, cheia de respeito, no insondável mistério da Encarnação, e mais e mais se conforma com o seu Esposo. Pois Maria, que entrou intimamente na história da salvação, e, por assim dizer, reúne em si e reflecte os imperativos mais altos da nossa fé, ao ser exaltada e venerada, atrai os fiéis ao Filho, ao Seu sacrifício e ao amor do Pai. Por sua parte, a Igreja, procurando a glória de Cristo, torna-se mais semelhante àquela que é seu tipo e sublime figura, progredindo continuamente na fé, na esperança e na caridade, e buscando e fazendo em tudo a vontade divina. Daqui vem igualmente que, na sua acção apostólica, a Igreja olha com razão para aquela que gerou a Cristo, o qual foi concebido por acção do Espírito Santo e nasceu da Virgem precisamente para nascer e crescer também no coração dos fiéis, por meio da Igreja. E, na sua vida, deu a Virgem exemplo daquele affecto maternal de que devem estar animados todos quantos cooperam na missão apostólica que a Igreja tem de regenerar os homens.

IV. O CULTO DA BEM-AVENTURADA VIRGEM NA IGREJA

Natureza e fundamento do culto

66. Exaltada por graça do Senhor e colocada, logo a seguir a seu Filho, acima de todos os anjos e homens, Maria que, como mãe santíssima de Deus, tomou parte nos mistérios de Cristo, é com razão venerada pela Igreja com culto especial. E, na verdade, a Santíssima Virgem é, desde os tempos mais antigos, honrada com o título de «Mãe de Deus», e sob a sua protecção se acolhem os fiéis, em todos os perigos e necessidades (191). Foi sobretudo a partir do Concílio do Éfeso que o culto do Povo de Deus para com Maria cresceu admiravelmente, na veneração e

no amor, na invocação e na imitação, segundo as suas proféticas palavras: «Todas as gerações me proclamarão bem-aventurada, porque realizou em mim grandes coisas Aquele que é poderoso» (Luc.1,48). Este culto, tal como sempre existiu na Igreja, embora inteiramente singular, difere essencialmente do culto de adoração, que se presta por igual ao Verbo encarnado, ao Pai e ao Espírito Santo, e favorece-o poderosamente. Na verdade, as várias formas de piedade para com a Mãe de Deus, aprovadas pela Igreja, dentro dos limites de sã e recta doutrina, segundo os diversos tempos e lugares e de acordo com a índole e modo de ser dos fiéis, têm a virtude de fazer com que, honrando a mãe, melhor se conheça, ame e glória fique o Filho, por quem tudo existe (cfr. Col. 1, 15-16) e no qual «aprouve a Deus que residisse toda a plenitude» (Col. 1,19), e também melhor se cumpram os seus mandamentos.

Espírito da pregação e do culto

67. Muito de caso pensado ensina o sagrado Concílio esta doutrina católica, e ao mesmo tempo recomenda a todas os filhos da Igreja que fomentem generosamente o culto da Santíssima Virgem, sobretudo o culto litúrgico, que tenham em grande estima as práticas e exercícios de piedade para com Ela, aprovados no decorrer dos séculos pelo magistério, e que mantenham fielmente tudo aquilo que no passado foi decretado acerca do culto das imagens de Cristo, da Virgem e dos santos (192). Aos teólogos e pregadores da palavra de Deus, exorta-os instantemente a evitarem com cuidado, tanto um falso exagero como uma demasiada estreiteza na consideração da dignidade singular da Mãe de Deus (193). Estudando, sob a orientação do magistério, a Sagrada Escritura, os santos Padres e Doutores, e as liturgias das Igrejas, expliquem como convém as funções e os privilégios da Santíssima Virgem, os quais dizem todos respeito a Cristo, origem de toda a verdade, santidade e piedade. Evitem com cuidado, nas palavras e atitudes, tudo o que possa induzir em erro acerca da autêntica doutrina da Igreja os irmãos separados ou quaisquer outros. E os fiéis lembrem-se de que a verdadeira devoção não consiste numa emoção estéril e passageira, mas nasce da fé, que nos faz reconhecer a grandeza da Mãe de Deus e nos incita a amar filialmente a nossa mãe e a imitar as suas virtudes.

V. MARIA, SINAL DE SEGURA ESPERANÇA E DE CONSOLAÇÃO PARA O POVO DE DEUS PEREGRINANTE

Sinal de Esperança e de consolação

68. Entretanto, a Mãe de Jesus, assim como, glorificada já em corpo e alma, é imagem e início da Igreja que se há-de consumir no século futuro, assim também, na terra, brilha como sinal de esperança segura e de consolação, para o Povo de Deus ainda peregrinante, até que chegue o dia do Senhor (cfr. 2 Ped. 3,10).

Medianeira para a unidade da Igreja

69. E é uma grande alegria e consolação para este sagrado Concílio o facto de não faltar entre os irmãos separados quem preste à Mãe do Senhor e Salvador o devido culto; sobretudo entre os Orientais, que acorrem com fervor e devoção a render culto à sempre Virgem Mãe de Deus (194). Dirijam todos os fiéis instantes súplicas à Mãe de Deus e mãe dos homens, para que Ela, que assistiu com suas orações aos começos da Igreja, também agora, exaltada sobre todos os anjos e bem-aventurados, interceda, junto de seu Filho, na comunhão de todos os santos, até que todos os povos, tanto os que ostentam o nome cristão, como os que ainda ignoram o Salvador, se reunam felizmente, em paz e harmonia, no único Povo de Deus, para glória da santíssima e indivisa Trindade.

Roma, 21 de Novembro de 1964.

PAPA PAULO VI

MARIA NA PIEDADE POPULAR

Existem muitas expressões de piedade popular mariana. Essas podem ter forma de:

- **Linguagem orante:** principalmente através das orações e cantos dedicados à mãe de Deus. Neste sentido podemos pensar em todas as novenas e ladainhas que expressam nosso amor e nossa confiança na intercessão de Maria.
- **Momentos celebrativos:** procissões, festas que celebram a Mãe de Deus.
- **Itinerários penitenciais e peregrinações:** O gesto de caminhar até uma imagem de Maria, colocar-se de joelhos diante dela, de carregar sua imagem (ou simplesmente tocá-la) é expressão do reconhecimento de nossa pequenez e necessidade e de nossa fé no poder de Deus, por intercessão de Maria.
- **Gestos oblativos e ofertas:** Aqui se enquadram os costumes de levar ‘presentes’ à Mãe de Deus que falam de nossa confiança e de nossa

gratidão para com ela: flores, velas, fotos, símbolos. Neste caso o valor não está no símbolo em si, mas no que ele significa.

As devoções a piedade popular podem expressar igualmente o mistério de Maria, porque o Espírito Santo conduz não somente o Papa e os bispos, mas também todo o povo de Deus que procura seguir com fidelidade a sua fé.

DOGMAS MARIANOS



MATERNIDADE DIVINA

I. Dados da fé

Bases bíblicas

- a) Mãe do meu Senhor (Lc 1,43). “Senhor” é na bíblia um nome divino: é aplicado a Deus e ao Messias-Rei enquanto representante de Deus.
- b) Ele será grande e será chamado Filho do Altíssimo (Lc 1,32). Maria, portanto é a Mãe do Filho de Deus.
- c) Eis que uma Virgem conceberá e dará à luz um filho, que se chamará Emanuel, que significa: Deus-conosco (Mt 1,23 e Is 7,14).

Note-se que o NT usa em geral a expressão “Mãe de Jesus” para falar de Maria. Sabemos, porpe

Magistério

O Concílio de Éfeso (431) declarou que Maria é “Mãe de Deus” (*Theotókos, Dei Genitrix, Deipara*); porém, “segundo a carne” assumida pelo Verbo. Trata-se contudo, de uma declaração indireta, já que o concílio retoma, aprovando claramente, uma carta (a segunda) de São Cirilo a Nestório, na qual diz: “Eles (os Santos Padres) não duvidaram em chamar a Santa Virgem de *Theotókos*...porque nasceu d’Ela o Verbo...segundo a carne”.²

²Cf. DH, 251.

VIRGINDADE DE MARIA

I. Dados da fé

Bases bíblicas

Que a Virgem tenha sido mesmo virgem, este é uma dado claramente atestado no NT. E ele veicula duas tradições autônomas a respeito da virgindade de Maria, uma reforçando a outra.

- a) A tradição de Mateus 1,18-25, com nada menos que quatro referencias à virgindade da Mãe de Jesus (v. 18;20;23;25).
- b) A tradição de Lucas 1,34-35: Como se fará isso, pois não conheço homem? O Espírito Santo descera sobre ti...por isso, o ente santo que nascer de ti será chamado Filho de Deus. A Bíblia usa conhecer para “ter relações”. Ora, Maria aqui diz que não as teve.

Magistério

Professa o Credo Apostólico: “Nasceu da Virgem Maria”. E também no credo niceno-Cosntantinopolitano: “E se encarnou pelo Espírito Santo no seio da Virgem Maria”. Lá onde a tradução diz simplesmente “Virgem Maria”, a versão original grega dos dois credos diz de modo mais expressivo: “Maria, a Virgem” – a Virgem por excelência.

IMACULADA CONCEIÇÃO

A Igreja celebra em 8 de dezembro a Solenidade da Imaculada Conceição da Virgem Maria; e explica que para ser a Mãe do Salvador, Maria “foi enriquecida por Deus com dons dignos para tamanha função”.

No momento da Anunciação o anjo Gabriel a saúda como “cheia de graça”, isto é, sem pecado, viveu totalmente “sob a moção da graça de Deus” (CIC §490). Ao longo dos séculos a Igreja tomou consciência de que Maria, “cumulada de graça” por Deus (Lc 1, 28), foi redimida desde a concepção pelo sangue de Cristo. É isto que confessa o dogma da Imaculada concepção (ou concepção), proclamado em 1854 pelo Papa Pio IX.

I. Dados da fé

Magistério

Na bula *Ineffabilis Deus* (1854), Pio IX declarou a doutrina da Imaculada Conceição. Eis os termos solenes da definição dogmática, na qual cada linha foi pesada e tem, pois, seu sentido:

“Em honra da Santa e indivisível Trindade, para o decoro e ornamento da Virgem Mãe de Deus, para a exaltação da fé católica e para o incremento da Religião cristã, com a autoridade de Nosso Senhor Jesus Cristo, dos santos Apóstolos Pedro e Paulo e com a Nossa, DECLARAMOS, PRONUNCIAMOS E DEFINIMOS como doutrina revelada por Deus o seguinte: “A beatíssima Virgem Maria, no primeiro instante de sua Conceição, por singular graça e privilégio de Deus onipotente, em vista dos méritos de Jesus Cristo, Salvador do gênero humano, foi preservada imune de toda mancha de pecado original”. Esta “santidade inteiramente singular” da qual Maria é “enriquecida desde o primeiro instante da sua concepção” lhe vem inteiramente de Cristo: “Em vista dos méritos de seu Filho, foi redimida de um modo mais sublime”.

ASSUNÇÃO DE MARIA

A Virgem Imaculada foi elevada ao Céu de corpo e alma após sua morte, que a Igreja desde os primeiros séculos chama de “dormição”; Deus a ressuscitou e levou para o Céu. O Papa Pio XII, em 1 de novembro de 1950, por meio da Constituição Apostólica “*Munificentissimus Deus*” proclamou como dogma de fé, dizendo:



“Finalmente, a Imaculada Virgem, preservada imune de toda mancha da culpa original, terminado o curso da vida terrestre, foi assunta em corpo e alma à glória celeste. E para que mais plenamente estivesse conforme a seu Filho, Senhor dos senhores e vencedor do pecado e da morte, foi exaltada pelo Senhor como Rainha do universo.”

A Festa de Nossa Senhora Rainha do Céu e da Terra é celebrada no dia 15 de agosto. A Assunção da Virgem Maria é uma participação especial na Ressurreição de Jesus e uma antecipação da ressurreição dos outros cristãos. A Liturgia bizantina reza: “Em vosso parto, guardastes a virgindade; em vossa dormição, não deixastes o mundo, ó mãe de Deus: fostes juntar-vos à fonte da vida, vós que concebestes o Deus vivo e, por vossas orações, livrareis nossas almas da morte”.

Na Missa da Assunção a Igreja reza: “Deus eterno e todo poderoso, que elevastes `a glória do Céu, em corpo e alma, a Imaculada Virgem Maria,

mãe do Vosso Filho, dai-nos viver atentos às coisas do alto, a fim de participarmos de Sua glória”.

Muitos santos perguntavam se o melhor dos filhos poderia recusar à melhor das mães a participação em sua ressurreição e o glorioso domínio à direita do Pai? Para eles sua dignidade de Mãe de Deus exige a Assunção. Para Santo Irineu de Lião (†200), como a nova Eva, Maria participou da sorte do novo Adão, Jesus Cristo, ressuscitou depois da morte, seu corpo não experimentou a corrupção.



ORAÇÕES MARIANA

Aprender a orar com Maria significa estar em harmonia com a sua oração: “Faça-se em mim segundo a Tua palavra.” Orar é, no fundo, uma entrega que responder ao amor de Deus. Quando, como Maria, dizemos sim, Deus tem possibilidade de viver no seio da nossa vida. (*Youcat*, 479).

AVE-MARIA

Ave Maria, cheia de graça, o Senhor é convosco; bendita sois vós entre as mulheres, e bendito é o fruto do vosso ventre, Jesus.

Santa Maria, Mãe de Deus, rogai por nós, pecadores, agora e na hora de nossa morte. Amém.

ANGELUS

Dirigente: O Anjo do Senhor anunciou a Maria

R: E Ela concebeu do Espírito Santo.

Ave Maria...

Dirigente: Eis aqui a serva do Senhor.

R: Faça-se em mim segundo a tua palavra.

Ave Maria...

Dirigente: E o Verbo se fez carne.

R: E habitou entre nós.

Ave Maria...

Dirigente: Rogai por nós, Santa Mãe de Deus.

R: Para que sejamos dignos das promessas de Cristo. Amém.

Dirigente: Oremos

Infundi, Senhor, a vossa graça em nossos corações, para que conhecendo pela anunciação do Anjo a encarnação de vosso Filho, cheguemos por sua Paixão e Cruz à glória da ressurreição. Pelo mesmo Cristo, vosso Filho, na unidade do Espírito Santo.

R: Amém.

Á VOSSA PROTEÇÃO

Á vossa proteção recorreremos, Santa Mãe de Deus; não desprezeis as nossas súplicas em nossas necessidades, mas livrai-nos sempre de todos os perigos, ó Virgem gloriosa e bendita.

SALVE RAINHA

Salve Rainha,
Mãe de misericórdia,
vida doce, esperança nossa,
Salve!

A vós bradamos
os degredados filhos de Eva;
a vós suspiramos
gemendo e chorando
neste vale de lágrimas!

Eia, pois,
advogada nossa,
esses vossos olhos misericordiosos
a nós volvei,
e depois deste desterro
mostrai-nos Jesus,
bendito fruto do vosso ventre!

Ó clemente, ó piedosa, ó doce sempre Virgem Maria.

Dirigente: Rogai por nós, Santa Mãe de Deus.

Todos: Para que sejamos dignos das promessas de Cristo. Amém.

Rainha do Céu

(Oração recitada no tempo pascal)

Rainha do Céu, alegrai-vos, aleluia.

Porque Quem merecestes trazer em vosso seio, aleluia.

Ressuscitou, como disse, aleluia.

Rogai a Deus por nós, aleluia.

Exultai e alegrai-vos, ó Virgem Maria, aleluia.

Porque o Senhor ressuscitou verdadeiramente, aleluia.

Dirigente: Oremos

Ó Deus, que vos dignastes alegrar o mundo com a ressurreição de vosso Filho Jesus Cristo, Senhor nosso, concedei-nos, vos suplicamos, que por sua Mãe, a Virgem Maria, alcancemos as alegrias da vida eterna. Pelo mesmo Cristo, Senhor Nosso. Amém.

BIBLIOGRAFIA

BIBLIA PASTORAL. São Paulo: Paulus, 2011.

BOFF, CLODOVIS. Introdução a Mariologia. 6ª Edição. Petropolis-RJ: Vozes, 2004.

BOFF, CLODOVIS. Os dogmas marianos. Síntese catequético-pastoral. São Paulo: Ave-Maria, 2010.

SOCIEDADE MÃE E RAINHA – MOVIMENTO APOSTÓLICO DE SCHOENSTATT. Na Escola de Maria. Imagem bíblica de Nossa Senhora. Santa Maria-RS: Centromariano, 2008.

Sites:

http://w2.vatican.va/content/paul-vi/pt/apost_exhortations/documents/hf_p-vi_exh_19740202_marialis-cultus.html. Acesso em 03 de maio de 2019.